

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

ENSINO DE HISTÓRIA, REFUGIADOS E MIGRANTES: PENSANDO A PERSPECTIVA DECOLONIAL

Bárbara Birk de Mello
Márcia Blanco Cardoso

Mestranda em Diversidade Cultural e Inclusão Social – Universidade Feevale
barbarabmello2010@hotmail.com
Professora adjunto dos cursos de História e Pedagogia – Universidade Feevale
mcardoso@feevale.br

O ensino de História é potente tanto no espaço da escola, quanto para além dele. Aqui, tem-se como espaço de ensino-aprendizagem o Projeto Integrado Centro de Educação em Direitos Humanos da Universidade Feevale-RS e, especificamente, as oficinas de Realidade Brasileira para refugiados e migrantes da região do Vale do Rio dos Sinos, que ocorrem a cada três semanas de forma on-line desde o início da pandemia da COVID-19. Nessas oficinas, a autora com o auxílio de dois professores de História da Universidade prepara as aulas que cercam diversas facetas da História do Brasil. Neste contexto, tem-se como tema do estudo o espaço das oficinas a partir da perspectiva decolonial. Para tanto, objetiva-se apresentar o Projeto Integrado, analisar as oficinas realizadas pela acadêmica ao longo dos últimos três anos e investigá-las a partir da lente decolonial. Para tanto, parte-se de autores que trabalham o ensino de História, direitos humanos, extensão universitária e estudiosos da decolonialidade. Ademais, utiliza-se da prática extensionista da acadêmica. Ao final do estudo, pontua-se a potência das oficinas como espaço para o diálogo e compartilhamento de saberes entre universidade e beneficiados do Projeto, os refugiados e migrantes.

Palavras-chave: Ensino de História; Migrantes; Refugiados.

INTRODUÇÃO

O presente estudo parte de uma premissa básica para os historiadores, que “[...] é pensar a história como disciplina fundamentalmente educativa, formativa, emancipatória e libertadora.” (FONSECA, 2003, p. 89). Logo, segundo esta autora e diversos outros estudiosos, a história é central para a formação da consciência histórica dos sujeitos. Tendo isso em mente e entendendo a importância do ensino de história não só no Ensino Fundamental e Médio, mas para além deles, este texto traz o Projeto Integrado Centro de Educação em Direitos Humanos (CEDUCA DH) da Universidade Feevale, Novo

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Hamburgo-RS como espaço de ensino-aprendizagem com refugiados e migrantes que residem na região do Vale do Rio dos Sinos (RS).

O enfoque dentro do CEDUCA DH será nas oficinas de Realidade Brasileira, as quais ocorrem a cada três semanas e são planejadas por dois professores do curso de História da Universidade Feevale e uma graduada em História da mesma instituição que se mantém no projeto como voluntária. A mesma equipe também atuou no Projeto Mundo em NH durante 2019 e 2020, Projeto que foi base para a criação do Centro, como veremos adiante. Assim, serão abordados os três anos de atuação até então: 2019, 2020 e 2021.

Neste contexto, tem-se como tema as oficinas de Realidade Brasileira a partir da perspectiva decolonial. Para tanto, objetiva-se apresentar o Projeto Integrado, analisar as oficinas realizadas pela acadêmica ao longo dos últimos três anos e investigá-las a partir da lente decolonial.

Além da importância do ensino de história e da discussão e divulgação das experiências extensionistas, justifica-se o estudo pela centralidade dos debates acerca dos direitos humanos, refugiados e migrantes que cercam o nosso cotidiano. Além disso, o campo de estudos da decolonialidade vem crescendo nas últimas décadas e aponta-se a importância da reflexão acerca das práticas das oficinas com refugiados e migrantes a partir de novos olhares que não os de herança da colonialidade de poder, do saber, do corpo, do ser, de gênero, entre outras.

Para alcançar os objetivos do estudo, parte-se de autores que trabalham o ensino de História, direitos humanos, refugiados, migrantes, extensão universitária e estudiosos da decolonialidade. Ademais, utiliza-se da prática extensionista da acadêmica.

SOBRE O PROJETO INTEGRADO CEDUCA DH

O Projeto Integrado Centro de Educação em Direitos Humanos da Universidade Feevale (RS) iniciou suas atividades em janeiro de 2021, sendo que suas raízes estão em dois projetos de extensão da Universidade que ocorreram de 2016 a 2020: o Projeto de Extensão O Mundo em NH: refugiados e migrantes, uma questão de Direitos Humanos e o Projeto de Extensão Educação em Direitos Humanos: por uma cultura de paz e tolerância. Do primeiro, o principal que se mantém são as ações com refugiados e

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

migrantes da região e do segundo, as ações junto às escolas tratando da educação em direitos humanos.

O Projeto O Mundo em NH, é importante destacar, começou a ser pensado em 2015 devido a grande quantidade de migrantes, principalmente de senegaleses, que chegaram à região de Novo Hamburgo no período e não tinham o apoio de nenhuma instituição na cidade para se estabelecerem. Logo, surgiu a ideia de um projeto que auxiliasse na inserção e acolhimento dos migrantes e refugiados da região do Vale do Rio dos Sinos, sendo que até então já foram atendidos mais de 80 migrantes e refugiados das mais diversas nacionalidades: Haiti, Senegal, Palestina, Colômbia, Argentina, Venezuela, entre outros.

Após cinco anos de atuação deste Projeto, a partir de um incentivo da gestão de extensão e pesquisa da Universidade Feevale, começou-se a pensar em uma modalidade de projetos integrados, vinculando mais ainda o ensino, pesquisa e extensão, sendo isso o que ocorreu. Assim, o CEDUCA DH é um Projeto interdisciplinar da Universidade Feevale que vincula as áreas de ensino, pesquisa e extensão, tendo como temática central os direitos humanos e a efetivação dos direitos individuais e coletivos de vulnerabilizados socialmente e à construção de uma cultura de paz por meio da educação em direitos humanos.

O Centro possui professores e alunos da Universidade Feevale das áreas de História, Letras, Artes, Psicologia, Direito, Pedagogia, entre outras. As ações do CEDUCA DH envolvem criação de materiais didáticos, realização de oficinas multidisciplinares com refugiados e migrantes, atendimentos individualizados, inserções em escolas da região com a temática da educação em direitos humanos e formação de agentes sociais.

O Projeto Integrado iniciou suas atividades já em meio a pandemia de COVID-19 e por isso, as oficinas com refugiados e migrantes estão ocorrendo de forma online através de vídeo chamadas e WhatsApp. As oficinas sempre ocorreram em formato multidisciplinar com a primeira parte da aula mais centrada na Língua Portuguesa e a segunda parte sempre intercalam oficinas de Realidade Brasileira, Criatividade e Psicologia. Até então, já ocorreu uma oficinas de Realidade Brasileira neste ano.

Já no ano de 2019, no qual a autora iniciou no Projeto O Mundo em NH, as oficinas ocorriam dentro do Câmpus II da Universidade Feevale e tinham média de quinze

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

beneficiados por noite. Em 2020, no primeiro semestre, as atividades foram mantidas via WhatsApp através de vídeos, apresentações de slides e questionários para os beneficiados. No segundo semestre, já mais organizados, iniciaram-se as oficinas de forma síncrona via Google Meet e a média era de dez beneficiados por oficina.

Aqui, é importante situar o local em que se localiza a Universidade Feevale, que é Novo Hamburgo. Novo Hamburgo fica localizado a 43,4 km de Porto Alegre (capital) e faz parte da região metropolitana do estado do Rio Grande do Sul. O município é banhado pelo Rio dos Sinos, possui área de 223 km² e população, conforme estimativas do IBGE (2019), de 246.748 indivíduos.

A relevância do Centro de Educação em Direitos Humanos se dá em diversas instâncias, mas principalmente na busca pela maior relação entre ensino, pesquisa e extensão. Isso, pois,

[...] há de se afirmar que ensino-pesquisa-extensão apresentam-se hoje, no âmbito das universidades brasileiras, como uma de suas maiores virtudes e expressão de compromisso social, uma vez que o exercício de tais funções é requerido como dado de excelência na Educação Superior, fundamentalmente voltada para a formação acadêmica e profissional de docentes e discentes, à luz da apropriação e produção do conhecimento científico. (SANTOS, 2010, p. 13).

Além da junção da extensão, ensino e pesquisa ser essencial para os discentes e docentes, ela também visa atingir positivamente a comunidade, especialmente no recorte deste estudo, o público alvo dos migrantes e refugiados da região. Acredita-se que “A relação da universidade com a comunidade se fortalece pela Extensão Universitária, ao proporcionar diálogo entre as partes e a possibilidade de desenvolver ações sócio-educativas que priorizam a superação das condições de desigualdade e exclusão ainda existentes.” (ROCHA, 2007, p. 27).

Assim, tem-se a importância da extensão e da indissociabilidade dela com o ensino e pesquisa, sendo que, todo o ano, são feitos questionários com os migrantes e refugiados beneficiados pela extensão e todos apontam a importância dela para o seu cotidiano. A seguir, buscaremos abordar esta breve apresentação do Projeto Integrado CEDUCA DH, parte-se para as oficinas de Realidade Brasileira mais especificamente.

OFICINAS DE REALIDADE BRASILEIRA

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Ao longo dos três anos de atuação dentro das oficinas de Realidade Brasileira foram trabalhadas diversas temáticas que abordam a história do Brasil, desde o processo de colonização do país, até a diversidade da culinária. Importante destacar que o público das oficinas é variante, sendo poucos os beneficiados que acompanham todas as semanas e, uma vez que a oficina de Realidade Brasileira é a cada três semanas, buscamos planejar atividades que consigam ser finalizadas no período de uma hora da oficina. Além disso, as oficinas têm uma característica interessante e desafiadora que é a presença de beneficiados desde os oito anos de idade até a faixa dos cinquenta e em momentos diferentes em suas vidas: alguns ainda estão na escola, outros querem iniciar a faculdade e assim por diante. Ademais, como os participantes são de diferentes nacionalidades e chegaram ao Brasil em períodos diferentes, os níveis de português também variam. Logo, deve-se sempre ter um cuidado especial no momento de planejar e executar as oficinas de forma que sejam atrativas para todos, através da linguagem clara, utilização de imagens, vídeos e músicas.

Para pensar as oficinas, a acadêmica e os professores envolvidos buscam partir da educação em direitos humanos que “[...] parte de três pontos essenciais: primeiro, é uma educação de natureza permanente, continuada e global. Segundo, é uma educação necessariamente voltada para a mudança, e terceiro, é uma inculcação de valores [...]”. (BENEVIDES, 2000, p. 1).

Aliado a esta visão, partimos de textos de Freire, para pensar em o que trazer para a discussão em sala, sendo que o nosso primeiro passo é perguntar aos beneficiados qual é o interesse deles. Assim: “Respeitar a leitura de mundo do educando significa tomá-la como ponto de partida para a compreensão do papel da curiosidade, de modo geral, e da humana, de modo especial, como um dos impulsos fundantes da produção do conhecimento.” (FREIRE, 2002, p.77).

Isso inclui entender que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar meios para que ele se construa em conjunto (FREIRE, 2002). E, segundo este autor, isso se dá a partir do momento em que os professores ouvem as perguntas dos alunos e utilizam isso como combustível para o processo de ensino aprendizagem. Por isso, todo o início de semestre, nas oficinas de Realidade Brasileira é perguntado aos beneficiados o que interessa eles da história do Brasil, o que eles buscam com as oficinas e é a partir dessas respostas que são pensadas as oficinas.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Partimos da percepção de que “O aluno é um ser social completo, não é uma tábula rasa. Ele não apenas estuda e aprende, mas faz história, participa da história, tem concepções prévias dos fatos históricos.” (FONSECA, 2003, p. 111). A autora, entendendo que aquilo que o professor ensina ou deixa de ensinar vai muito além dos livros didáticos e da grade curricular, defende “[...] um diálogo crítico, permanente, entre os sujeitos que (re)constroem os saberes históricos nos diversos espaços educativos e culturais.” (FONSECA, 2003, p. 244).

A seguir, iremos abordar algumas das atividades desenvolvidas para, em seguida, trazer a perspectiva decolonial e discutir a relação desta com as propostas desenvolvidas. No ano de 2019, uma das propostas realizadas, ainda presencialmente na Universidade, foi abordar a ideia que se tem de herói e refletir sobre figuras históricas brasileiras, que surgiu a partir da dúvida de um beneficiado colombiano: “Mas quais são os heróis que vocês têm aqui no Brasil? Da história do Brasil? Eu não conheço.” Os demais colegas logo se interessaram pela temática e quiseram que trabalhássemos isso em uma oficina.

Ao planejarmos a oficina, pensamos em abordar primeiro a ideia de herói e contrapô-la com a visão de figuras históricas para então adentrar em 18 sujeitos históricos do Brasil e que consideramos relevante para trazer para a sala de aula. Selecionamos diversos nomes e entre eles estavam Zumbi dos Palmares, Cacique Raoni, Maria da Penha, Paulo Freire e Chico Mendes.

Na noite desta oficina compareceram 14 beneficiados que estavam sentados em grupos de duas ou três pessoas já devido a atividade realizada na oficina anterior de Língua Portuguesa e a autora decidiu manter assim para a segunda parte da noite, buscando uma maior interação entre os beneficiados, sendo isso muito importante para a formulação de laços de amizade e o desenvolvimento da fala em português. Os alunos eram de idades variadas entre 10 e 50 anos, de nacionalidades diferentes e com níveis de português diversos.

Iniciou-se com uma apresentação de slides projetada no quadro intitulada “Heróis e/ou figuras históricas?” e a discussão de que todos os sujeitos são sujeitos históricos, mas que alguns acabam se destacando mais que outros dentro da história mundial, nacional, regional e local. Também conversamos sobre a questão de que uma figura histórica para Camila não é necessariamente a mesma que para Pedro, sendo que havíamos selecionados

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

sujeitos históricos brasileiros que considerávamos importantes a partir de nossas vivências, leituras e conhecimentos.

De início também foi perguntado quem era uma figura histórica importante para eles e para eles pensarem sobre e trazerem mais a diante. A seguir, cada grupo ganhou duas imagens de figuras históricas e dois pequenos textos de quatro linhas, em média, sobre a biografia de um dos personagens selecionados previamente. Iniciamos a dinâmica com um aluno apresentando a imagem que tinha para os colegas e eles iniciavam uma discussão para ver se algum já tinha visto essa pessoa e trocavam informações sobre as breves biografias que tinham para ver as possibilidades.

Acompanhando esse processo, a autora ia auxiliando com algumas informações sobre as figuras históricas e após conseguir juntar uma imagem com a biografia correta, os beneficiados iam até o quadro colar a mesma e era passado na apresentação de slides alguma outra imagem que tivesse relação com a pessoa e explicado mais de sua trajetória. Por exemplo, quando a imagem e pequena biografia de Chico Buarque foi colada no quadro, apresentou-se a música Cálice e discutiu-se brevemente sobre o significado da música e a ditadura civil-militar no Brasil.

Foi uma dinâmica muito interessante e instigante para os alunos que até já tinham visto alguma vez certas fotografias de algumas figuras, mas não conseguiam se lembrar exatamente de onde. E importante pois ao longo da discussão sobre cada sujeito histórico eles se lembravam e compartilhavam sobre alguém de seus países de origem que tiveram uma trajetória social parecida, dadas as proporções. Por exemplo, quando tratamos de Zumbi dos Palmares, um beneficiado nascido no Senegal contou sobre as histórias de família que passavam de geração em geração sobre o processo de escravização no continente africano.

Ao terminar de completar as 18 figuras históricas, perguntou-se aos beneficiados o que eles haviam achado e todos adoraram e ficaram surpresos com tantas figuras históricas de períodos diferentes e com objetivos de vida diferente, que influenciaram na história do país de diversas formas. A partir da fala deles e percebendo quais figuras históricas eles mais se interessaram, já pudemos juntar informações para pensar nas próximas oficinas e foi importante eles lerem as biografias para também praticar mais o português.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Ao final da atividade, como fechamento, propôs-se que cada um dos participantes fizessem um desenho da figura histórica mais importante para eles e muitos acabaram trazendo seus familiares e apresentaram cada um deles um pouco da história dessa pessoa, dando um fechamento emocionante na medida em que a maioria deles está longe de muitos familiares queridos que ficaram em seus países de origem.

Agora, trazendo exemplo de uma oficina em 2020, esta foi no segundo semestre do ano de forma síncrona pelo Google Meet e contou com a participação de oito migrantes de diferentes nacionalidades e com média de idade de 30 anos e teve duração de 40 minutos.

A primeira oficina de Realidade Brasileira pelo Google Meet em 2020 tratou das origens da Língua Portuguesa no Brasil devido a ser recorrente nas oficinas de Língua Portuguesa e de Realidade o questionamento dos alunos quanto ao porquê de no Brasil as regiões terem diferentes expressões e sotaques. Como alguns deles já moraram em outros estados antes de chegarem ao Rio Grande do Sul e neste estado algumas expressões regionais são bem características, muitos sentem as diferenças e até certa dificuldade na comunicação.

Assim, foi organizada uma noite em que, na primeira parte, teve-se o título “Viajando pelas origens da Língua Portuguesa no Brasil” em uma apresentação de slides sobre como se deu a formação da língua desde os povos indígenas, passando pelo período em que o Brasil foi colônia de Portugal, escravatura, outros processos migratórios até chegar na língua hoje. Toda essa parte foi feita com a utilização de palavras-chave nos slides e com mapas, imagens e exemplos de palavras de origem africana e indígena que utilizamos no nosso dia a dia, mas que muitos brasileiros não conhecem sua proveniência.

Ao final da discussão chegamos no regionalismo o que serviu de base para o início de explicação da oficina de Língua Portuguesa na segunda parte da noite onde a acadêmica de Letras coordenou as atividades. Porém, antes de passar para a oficina de Língua Portuguesa ainda conversamos um pouco sobre como a Língua Portuguesa foi se estruturando no estado do Rio Grande do Sul e na região de Novo Hamburgo, onde o projeto tem sua base.

Essa oficina foi pensada e conduzida a partir dos slides e da fala da autora deste artigo, mas a participação dos alunos ocorria sempre que eles quisessem. Dentro dessas conversas, trouxeram discussões interessantes sobre de onde vinham os escravizados que

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

estavam no Brasil e a importância deles para a estruturação do Brasil. Percebeu-se o interesse por aprofundar essa temática, mas nesta aula não foi possível devido ao tempo, que está diminuído por ser online, visando 1 hora e 30 minutos de aula por semana.

Importante pontuar a necessidade de inovação para organizar das oficinas online e que a escolha por menos tempo de atividade foi pensando em questões de conectividade e buscando manter a assiduidade dos participantes, sabendo que todos estamos passando por um momento delicado devido a COVID-19, que atinge a cada um de uma forma, mas alguns alunos de forma mais crítica, pois ficaram desempregados ou tiveram seus salários diminuídos.

Por fim, trazemos um exemplo de uma oficina realizada em março de 2021, única do ano até então, onde estiveram presentes sete alunos, mas apenas três conseguiram permanecer na sala até o final e interagir durante a aula, devido a problemas de conexão. Neste dia, foi a segunda oficina do ano e decidimos usar a ferramenta de chamada de vídeo do Blackboard com o qual a Universidade Feevale tem convênio, mas acreditamos que seja mais pesada do que o Google Meet e por isso voltou-se a utilizá-lo nas próximas oficinas.

A segunda parte da noite foi dedicada à oficina de Realidade Brasileira e como era a primeira do ano e, possivelmente, haveria novos participantes, iniciou-se a atividade com a pergunta: O que vocês gostariam de estudar neste ano de 2021? As três participantes que conseguiram manter a conexão durante a atividade decidiram ficar pensando e ao final da aula responder. Para incentivá-las a pensar no que poderíamos estudar, foi trazida uma apresentação de slides explicando o que era uma oficina de Realidade Brasileira e quais seus objetivos destacando questões relacionadas à história do Brasil, suas culturas e diversidade. Também, destacaram-se algumas atividades já realizadas em anos anteriores para trazer algumas ideias.

Após isto, fez-se uma brevíssima introdução a história do Brasil a partir de alguns pontos considerados centrais por diversos historiadores brasileiros: Brasil antes de 1500, Brasil Colônia, Brasil Império, Proclamação da República e assim por diante. De cada um desses momentos, foi escolhida, apresentada e discutida uma pintura. O período em que falamos da ditadura civil-militar brasileira de 18-964 a 1985 foi a que mais chamou a atenção de uma das participantes que disse não imaginar que existiu ditadura no Brasil e que gostaria de aprender mais sobre esse período.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Essa foi uma das questões levantadas pelas participantes, mas elas ainda disseram que gostariam de pensar mais e colocar suas ideias em uma próxima oportunidade. Por isso, combinou-se que os slides e a pergunta seriam adicionados no grupo de WhatsApp para mais pessoas terem acesso, sendo esta uma prática semanal visto que algumas pessoas não conseguem participar por conexão ou devido a outros compromissos.

Nesta primeira oficina não conseguimos desenvolver tanto os assuntos devido a pouca quantidade de pessoas e problemas com a internet. Este é um ponto que estamos discutindo com todos os professores e alunos da Feevale que fazem parte do CEDUCA DH, pois é algo que vem acontecendo em todas as oficinas independente da temática trabalhada. Porém, não temos como, quando Novo Hamburgo se encontra em bandeira preta¹, fazer algum movimento de aulas presenciais buscando ter mais engajamento, devemos seguir no online e manter as oficinas com a maior qualidade possível para quem consegue acompanhar.

OFICINAS DE REALIDADE BRASILEIRA A PARTIR DA LENTE DECOLONIAL

Após as seções onde tratou-se do CEDUCA DH e apresentou-se alguns exemplos de oficinas de Realidade Brasileira realizadas até então com refugiados e migrantes da região do Vale do Rio dos Sinos, buscamos analisar estas oficinas a partir da lente decolonial em um esforço para buscar compreender como a decolonialidade está presente nas atividades da extensão universitária, educação e ensino de História.

De início, é importante destacar algumas questões em relação à colonialidade, modernidade e decolonialidade. O movimento decolonial ou o giro decolonial, como alguns pensadores colocam, surgiu no final da década de 1990 e teve como um dos expoentes iniciais Aníbal Quijano e seus estudos sobre a colonialidade. Segundo Quijano (2005), a modernidade é um fenômeno mundial formulado a partir de relações desiguais

¹ O sistema de bandeiras está em vigor desde maio no Rio Grande do Sul e é intitulado Modelo de Distanciamento Controlado. As bandeiras são das cores amarela, laranja, vermelha e preta. As cores representam o risco das regiões do Estado: baixo (amarela), médio (laranja), alto (vermelha) e altíssimo (preta).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

de poder, principalmente entre Europa e América Latina. Já “A colonialidade é um dos elementos constitutivos específicos do padrão mundial do poder capitalista. Sustenta-se na imposição de uma classificação racial/étnica da população do mundo como pedra angular do referido padrão de poder [...]” (QUIJANO, 2009, p. 73).

E dentro da colonialidade diversos autores citarão diferentes formas de a colonialidade ser sentida, sendo a colonialidade de poder central, mas que normalmente acompanha a colonialidade do ser, do saber, de gênero e do corpo. Com a modernidade e a colonialidade se cria um novo padrão de poder - o capitalismo -, um novo padrão de sujeito - o homem branco europeu - o que leva a uma não existência do outro.

Assim: “A partir do contato dos europeus com os ‘selvagens’ revelou-se o contraste entre os sujeitos e a visão binária entre ‘nós’ e ‘eles’. Essa noção deu força para a teoria do evolucionismo e firmou o etnocentrismo e, em seguida, o eurocentrismo.” (MELLO; KUHN JUNIOR; NUNES, 2020, p. 1716). Logo, “[...] o colonizador destrói o imaginário do outro, invisibilizando-o e subalternizando-o, enquanto reafirma o próprio imaginário”. (OLIVEIRA; CANDAU, 2010, p. 19).

Nesse sentido, o pensamento decolonial surgiu como uma reação epistemológica às consequências das colonizações ocorridas na África, Índia e América Latina (BALLESTRIN, 2013). Aqui, apontamos para as epistemologias do Sul, que são: “[...] o conjunto de intervenções epistemológicas que denunciam essa supressão, valorizam os saberes que resistiram com êxito e investigam as condições de um diálogo horizontal entre conhecimentos.” (SANTOS; MENEZES, 2009, p. 13).

Dito isso, como estudos decoloniais apontamos para o conjunto heterogêneo de contribuições teóricas e investigativas sobre acerca da colonialidade. Estes estudos buscam fazer o que Maldonado-Torres (2007) chamou de "giro decolonial", ou seja:

Implica fundamentalmente, primeiro, em uma mudança de atitude no sujeito prático e de conhecimento, e logo, a transformação da ideia do projeto de colonização. [...] Os princípios do giro decolonial e da ideia de de-colonização se iniciam a partir do ‘grito’ de espanto do colonizado ante a transformação da guerra e da morte em elementos comuns de seu mundo da vida, que vem a transformarem-se, em parte, no mundo da morte, ou no mundo da vida, apesar da morte. (MALDONADO-TORRES, 2007, p. 159, tradução nossa).

Este giro decolonial é motor para o movimento em busca de mudanças na forma de perceber, entender e olhar o mundo ao nosso redor. Sai-se de uma visão única e

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

padronizada de origem ocidental e abre-se para um campo dos conhecimentos múltiplos e plurais. A partir da perspectiva decolonial, nós, América Latina passamos a nos estudar a partir de nossos saberes tradicionais originários e não os do homem branco colonizador e que continua sim exercendo grande influência sobre nós. Como Quijano (2005, p. 242, tradução nossa) aponta: “É tempo, enfim, de deixar de ser o que não somos.”

Mas seria possível trazer a perspectiva decolonial para a sala de aula? Com certeza. No Ensino Fundamental e Médio uma das formas de iniciar essa mudança é decolonizar o currículo que tem seus princípios alinhados ao pensamento eurocentrista, desconsiderando a realidade das crianças e jovens brasileiros.

E nas oficinas com refugiados e migrantes? Como seria possível trazer a lente decolonial? Em primeiro lugar, a própria extensão universitária é considerada como o caminho para a decolonialidade dentro das instituições de ensino superior, pois é a extensão o elo com a comunidade e é o espaço, dentro da maioria das universidades, onde os saberes tradicionais são respeitados e onde ocorre o maior compartilhamento de conhecimentos de forma horizontal. No movimento decolonial há uma crítica:

[...] à modernidade capitalista, patriarcal, racista e colonial, um dos aspectos que tem sido tomado como central [...] é a crítica à colonialidade do saber que refere-se aos temas/problemas aos quais a ciência e as universidades têm se dedicado, aos sujeitos que podem produzir esse conhecimento e às formas como esses saberes são produzidos. Nesse sentido, a extensão universitária tem muito a contribuir, pois nos convida a deslocamentos contínuos que apontam para essa direção. (MAYORGA, 2018, p. 26).

Por isso, nas oficinas de Realidade Brasileira buscamos partir das indagações dos migrantes e refugiados e construir reflexões com eles a partir de um diálogo horizontal, visando sair da padronização da aula em que o professor e aluno tem papéis extremamente distantes e um ouve e o outro só fala. A extensão também contribui com a perspectiva decolonial a partir da articulação de saberes, saindo das “caixas” de cada uma das disciplinas (MAYORGA, 2018), que é uma das questões que se busca fazer dentro do CEDUCA DH. Ocorrem, durante o ano diversas atividades em conjunto com professores de todas as áreas que envolvem o Centro: História, Letras, Pedagogia, Psicologia, Direito e Artes. E nas próprias oficinas de Realidade Brasileira busca-se trazer a história do Brasil articulada às questões de Direito, Artes e Língua Portuguesa a partir da prática da escrita e fala dentro das atividades.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

As atividades das oficinas de Realidade Brasileira implicam repensar as formas de estar em sala de aula e esse repensar passa por um processo de decolonialização da própria formação como historiadora e passar a questionar as formas convencionais de produção da ciência: o quanto eu aprendi enquanto acadêmica de história sobre os povos indígenas brasileiros e sua diversidade cultural? Quais são as guerras e revoltas que eu não aprendi sobre na universidade e por quê?

Assim, o ensino de história assume nova potência e roupagem, pois a história e a historiografia foram criadas a partir de uma linha evolutiva e progressista tendo sempre dois polos opostos: primitivo/civilizado, tradicional/moderno, pré-capitalismo/capitalismo e selvagem/racional. Assim, compete ao ensino de história colocar em xeque esses binômios e a noção da linearidade histórica. E é possível fazer isso em todas as aulas, nos mais diferentes assuntos. Por exemplo, ao tratar dos povos indígenas brasileiros, tratar deles antes da chegada dos portugueses e não só após ela.

A partir das questões que foram colocadas até então, podemos investigar as oficinas de Realidade Brasileira a partir da lente decolonial, entendendo que ainda há um longo caminho de reconstrução diária da acadêmica e professores envolvidos no planejamento dessas oficinas buscando este giro decolonial. O espaço das oficinas é muito potente para tanto, mas após observar as oficinas realizadas sempre nos deparamos com mais atividades e formas em que poderíamos ter abordado de formas diferentes as temáticas de história do Brasil que estavam sendo discutidas.

Nos três exemplos de oficinas que trouxemos anteriormente, tentamos definir alguns pontos para buscar uma abordagem decolonial: partir do interesse dos refugiados e migrantes; planejar oficinas o máximo participativas, sem que os alunos sentissem que havia um muro entre eles e a professora; no momento da execução das atividades, falar de forma menos academicista possível; trazer imagens, músicas, vídeos buscando não nos prendermos ao texto; tentar abordar as temáticas históricas saindo de uma visão do ocidente como centro do mundo; trabalhar temas da história interligados com outras áreas dos conhecimentos; e aprender junto com os alunos sobre seus saberes, suas culturas e suas histórias.

Na oficina de 2019 que trouxemos como exemplo, trabalhamos os heróis e/ou figuras históricas brasileiras devido a um interesse dos migrantes e refugiados, trazendo imagens e pequenas biografias das pessoas selecionadas, buscando a aula mais interativa

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

possível. Diversos nomes dos quais trazemos foram pensados em relação a importância destas pessoas para a conquista de mais direitos para povos indígenas, negros, mulheres e outros grupos considerados “minorias”, saindo de uma perspectiva mais ocidental e capitalista de quem são as figuras históricas centrais do país. Ao final da atividade, pedimos que cada um desenhasse o seu herói e/ou figura histórica e compartilhasse sua história conosco em um momento para os professores aprenderem mais ainda com eles, além do que já tinham falado durante a oficina.

Já a oficina que trouxemos de exemplo em 2020, já enfrentamos mais dificuldades devido a COVID-19 e a ser uma aula síncrona, mas conseguimos abordar o processo de formação da Língua Portuguesa trazendo a centralidade dos povos indígenas e de origem africana neste processo, os quais são, por vezes, esquecidos em detrimento dos colonizadores portugueses. Essa oficina fez uma conexão já com a próxima parte da noite que foi de estudo sobre os regionalismos no Brasil, sendo uma forma de buscar a interdisciplinaridade dentro do encontro.

Sobre a primeira oficina de Realidade Brasileira de 2021, não tivemos muita participação de alunos, mas foi um momento importante para discutir com as presentes sobre o que estudarmos nas oficinas durante este ano. Para refletirmos sobre as possibilidades, apresentou-se uma breve linha do tempo com os principais períodos da história do Brasil, segundo a historiografia geral, mas depois da oficina, já pensamos na possibilidade de ter trazido esses temas de uma forma menos linear e progressista, sendo algo que devemos repensar buscando a lente decolonial.

Por fim, é importante colocar que as oficinas de Realidade Brasileira podem auxiliar os participantes na construção de suas identidades e de seus reconhecimentos como sujeitos de direitos dentro do Brasil, buscando a inserção destes dentro da sociedade brasileira que ainda é extremamente racista e, na maioria das vezes, excludente em relação aos refugiados e migrantes.

A CAMINHO DA CONCLUSÃO

Neste artigo, a proposta era de apresentar o Projeto Integrado Centro de Educação em Direitos Humanos da Universidade Feevale, focando nas atividades realizadas com migrantes e refugiados da região do Vale do Rio dos Sinos, especialmente nas oficinas de

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Realidade Brasileira que ocorrem a cerca de cada três semanas e da qual as autoras planejaram de 2019 a 2021. Devido a delimitação deste artigo, selecionou-se uma atividade de cada ano para apresentação e, após, partiu-se para uma discussão acerca da colonialidade e decolonialidade com o objetivo de dar base para a análise das oficinas de Realidade Brasileira a partir da perspectiva decolonial.

Para tanto, foram utilizados, ao longo do artigo, autores que discutem a questão da extensão universitária, educação, ensino de história, colonialidade e decolonialidade. Ao final do mesmo, reafirmamos que pensar a partir da decolonialidade é um exercício diário e que necessita de muita atenção. Compreendemos que as oficinas de Realidade Brasileira ainda têm muito o que evoluir pensando em um trabalho decolonial, mas acreditamos que as reflexões aqui trazidas irão auxiliar nessa trajetória.

Em estudos futuros, buscaremos seguir estas discussões e trazer para a reflexão outras atividades já desenvolvidas ao longo destes anos. Ao final do estudo, destacamos a potência das oficinas como espaço para o diálogo e compartilhamento de saberes entre universidade e comunidade e a necessidade do reconhecimento da extensão universitária como espaço transformador dentro das universidades.

REFERÊNCIAS

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 11, p. 89-117, ago. 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rbcpol/n11/04.pdf>>. Acesso em: 11 mar. 2021.

BENEVIDES, Maria Victoria. **Educação em Direitos Humanos: de que se trata?** Espírito Santo: Biblioteca Digital Interna da Subsecretaria de Direitos Humanos da SEADH-ES, 2000. Disponível em:< <http://www.hottopos.com/convenit6/victoria.htm>>. Acesso em: 06 mar. 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de história.** Campinas: Papirus, 2003.

IBGE. **Novo Hamburgo: população.** Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/novo-hamburgo/panorama>>. Acesso em: 12 mar. 2021.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGOUEL, Ramon (orgs.) **El giro decolonial**: reflexiones para una diversidad epistêmica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2007. p. 127-167.

MAYORGA, Claudia. Prefácio. In: MATOS, Marlise (Org.). **Pedagogias feministas decoloniais**: a extensão universitária como possibilidade de construção da cidadania e autonomia das mulheres de Minas Gerais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018. p. 24-27.

MELLO, Bárbara Birk; KUHN JUNIOR, Norberto; NUNES, Margarete Fagundes. **Direitos Humanos**: Uma Perspectiva Decolonial. SEBASTIANI, Agathe Juliane Erig et al. Anais [do] XIII Seminário de Pós-Graduação. Novo Hamburgo: Universidade Feevale, 2020. P. 1714-1725. Disponível em: <<http://www.feevale.br/divulgacao/2020/sitefeevale/SPG/Seminario%20de%20Pos-graduacao%202020.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2021.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes; CANDAU, Vera Maria Ferrão. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. **Educ. rev.**, Belo Horizonte, MG, v. 26, n. 1, p. 15-40, abr. 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/edur/v26n1/02.pdf>>. Acesso em: 09 mar. 2021.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais – perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 227-278.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do Poder e Classificação Social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENEZES, Maria Paula (orgs.) **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Edições Almedina SA, 2009. p. 73-118.

ROCHA, Leliane Aparecida Castro. **Projetos Interdisciplinares de Extensão Universitária**: ações transformadoras, Mogi das Cruzes: UBC, 2007. 84 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Braz Cubas. Programa de Pós - Graduação em Semiótica, Tecnologias de Informação e Educação. Mogi das Cruzes –SP. Disponível em: <<https://document.onl/documents/leliane-aparecida-castro-rocha-usjtbr-abordagem-qualitativa-analisando-tres.html>>. Acesso em: 10 mar. 2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Editora Almeida SA, 2009.

SANTOS, Marcos Pereira dos. Contributos da Extensão Universitária Brasileira à formação acadêmica docente e discente no século XXI: Um debate necessário. **Revista Conexão UEPG**. Paraná: Ponta Grossa, V.6, nº1, 2010. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/6854669.pdf>>. Acesso em: 08 mar. 2021.